

Se Eu Quisesse,
Enlouquecia

JOÃO PEDRO GEORGE

Se Eu Quisesse, Enlouquecia

Biografia de
Herberto Helder

CONTRAPONTO.

ÍNDICE

1. A morte sobe pelos dedos	11
2. Crónica de família	22
3. Uma ilha em forma de cão sentado	32
4. A infância é estranha como uma doença	45
5. Uma mulher está sentada junto à janela	60
6. As crianças amam as lagartixas com uma crueldade cheia de paciência	74
7. O rio Tejo corre na minha adolescência	87
8. Nas veias do poeta habitam os próprios céus	106
9. Senhores, aqui está um poeta	121
10. As prostitutas deitaram-no maternalmente no regaço	144
11. A esquina do mundo	156
12. Houve incursões psiquiátricas, suicídios, prisões	183
13. A importância misteriosa de existir	205
14. Dai-me uma jovem mulher	219
15. Não conseguirás que não pense em ti	241
16. Vagabundo e descobridor de cidades	251
17. Orientador itinerante de leituras	268
18. Se eu quisesse, enlouquecia	309
19. A máquina de emaranhar paisagens	326
20. Vivemos em desertos superpovoados	338
21. O talento do absurdo é criar o excesso	356
22. Adultério e injúrias	365

23. Os mortos empurram-se uns aos outros	379
24. Mentir, para não mentir	394
25. Estes são os arquitectos, aqueles que vão morrer	401
26. As crianças são uma verdade impraticável	411
27. Como desconhecer bem a cidade de Luanda	422
28. O entrançador de tabaco	440
29. Quantas ondas tem o mar?	461
30. Quando o lado oculto das coisas se levanta no horizonte ...	477
31. Morre-se para que o mundo morra connosco	498
32. A poesia é feita contra todos	527
33. Pai, porque me abandonaste?	544
34. O autor pode ler-se	560
35. A desordem é a ordem dos desordenados	571
36. É necessário que ninguém saiba disto em Lisboa	585
37. Vou cuidar imenso de mim para não morrer	605
38. Demasiados violinos a entrarem em demasiadas janelas	612
39. Ajuste de contas	624
40. O paraíso não mora aqui	644
41. Amo-te no fundo dos segredos	677
42. A beleza avança terrível como um exército	687
43. O mundo oferece e tira ao mesmo tempo	706
44. Um caos sumptuoso	718
45. Herberto, Pessoa e Camões	733
46. Sou do género cercado de água por todos os lados	740
47. Depressão e falta de tabaco	751
48. Perguntas que em si mesmas acham a resposta	771
49. Herberto, S. A.	785
50. O subtilíssimo fio da intimidade	808
51. A arca de Herberto	834
Agradecimentos	841
Notas	847
Fontes e bibliografia	877
Índice onomástico	879

1. A MORTE SOBE PELOS DEDOS

«Já me disseram que a gente que nasce e vive ao pé do mar é mais pura. Penso que o mar dá uma qualidade especial à fantasia, ao desejo e à confiança. É uma propriedade misteriosa do espírito, e por ela se aprende a nada esperar, a não desesperar de nada. Talvez seja isso a inocência. Talvez só no mar nos seja concedido morrer verdadeiramente, morrer como nenhum homem pode.»

HERBERTO HELDER

Herberto sentou-se e começou a vomitar. Olga Lacerda Lima, a mulher, ajudou-o a ir até à casa de banho.

Os dois minimizaram o sucedido. Não devia ser nada de grave. Algum alimento que lhe caíra mal, um incómodo gástrico passageiro. «O vómito pode não querer dizer nada. Só posteriormente vim a saber que, por vezes, antes dos ataques cardíacos, o vómito é um dos primeiros sintomas», diz Olga.

No dia seguinte, de manhã, continuando ele a sentir um desconforto visceral, a mulher sugeriu que o marido fosse observado por um médico.

«Herberto, vou marcar-te uma consulta com o Dr. Matos. Ou queres ir ao hospital?»

«Não, Olga. Não vou ao hospital! Fico em casa», disse ele, meneando a cabeça.

«Mas como é que eu vou fazer, Herberto? Eu não sei se o médico vem a casa.»

Olga agarrou na agenda, procurou o número, dirigiu-se à mesinha do corredor, mesmo ao lado da porta da casa de banho, onde a esperava o telefone fixo, e fez a ligação. Dois ou três toques depois, a voz de Manuela, secretária do Dr. Vítor Costa Matos, soava ao ouvido de Olga.

Explicou o que se passava. Mas naquele dia o Dr. Costa Matos estava de serviço no Hospital CUF Cascais. O melhor era telefonarem para lá. Ou então marcarem já a consulta, para o dia seguinte. «Ó Manuela, veja se me arranja a consulta o mais cedo possível», pediu Olga. «Fica já marcada para amanhã. Não se preocupe, D. Olga. Diga ao seu marido que pode vir amanhã.»

Daí a pouco, Herberto, com um retraimento envergonhado, voltava a queixar-se. Que estava sem forças, que tinha de passar a limpo os *Poemas Canhotos* e não tinha a mínima vontade. Desde que começara a ser editado pela Porto Editora, em 2014, após mais de trinta anos de fidelidade à Assírio & Alvim, algumas coisas tinham mudado: «O Manuel Rosa¹ fazia-lhe todas as vontadinhas. Mandava bater à máquina ou a computador os originais, e depois imprimia tudo em papel, para o Herberto fazer as emendas, corrigir, alterar o que fosse para alterar. O Herberto perdeu o hábito de entregar os livros limpinhos. Como tinha ido para a Porto Editora, essa mama acabou. Tinha de entregar os livros limpinhos e à mão, porque a máquina, de tão velhinha, já quase não escrevia», explica Olga.

«Estás é com preguiça de passar as coisas a limpo. Não gostas de fazer isso e agora sentes-te mal. Enquanto eles não conhecerem as tuas manias, tens de cumprir com o que ficou estipulado», resmungou Olga, no limiar da porta do quarto do marido.

«Não é nada disso. Não estejas a falar assim comigo. Não é nada disso.»

«Então o que é? Sentes-te mal como!? Não queres ir ao hospital! Como é que queres que eu faça? Dizes que estás a sentir-te mal, mas tens de me dizer o que sentes, ou então vens comigo ao hospital», disse-lhe, num tom simultaneamente afectuoso e de censura.

«Não. Ao hospital não vou!», declarou, sentindo-se talvez incapaz de aceitar que o corpo estava em dissolução. «Já está marcada a consulta com o Dr. Matos.» Disse isto e, acto contínuo, soergueu-se da cama com movimentos lentos. Custava-lhe mexer-se e fê-lo penosamente. Herberto não tinha a mais pequena ideia dos verdadeiros

contornos do mal-estar que sentia, da natureza da indisposição que o atacava. Sabia apenas que não se sentia bem, que o corpo todo o incomodava e perturbava, que uma tensão imóvel e duradoura comprimia todo o seu interior. Notava um desfalecimento dos membros, um laço de ferro apertado no seu peito. Às vezes, doía-lhe o tórax, depois as costas. Era difícil de explicar. Alguma coisa parecia correr mal dentro dele.

Costuma dizer-se que a verdade última de um ser humano é sobretudo aquilo que ele ignora de si mesmo. Pode ser. Mas Herberto sabia que, anos antes, estivera a braços com um cancro.

Sabia também que o tabaco minara a sua saúde. Ao ponto de o médico, o Dr. Nuno Guimarães, lhe ter dito, ainda na década de 1990, quando lhe detectara o início de um enfisema pulmonar: «Se continuar a fumar, vai ter mesmo um enfisema. Se não deixar os cigarros, terá de andar com um aparelho portátil de oxigénio sempre atrás, para conseguir respirar. E acabará por morrer com uma paragem cardiorrespiratória ou um enfarte agudo do miocárdio.»

Herberto parou de fumar com a ajuda da mulher, que fez o mesmo. Mas, para quem fumava dois maços de tabaco diários, desde muito jovem e durante quase cinquenta anos – dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano –, como era o seu caso, os danos provocados pelo fumo não desaparecem por completo. Nos últimos quatro ou cinco anos de vida, o oxigénio entrava e saía com dificuldade nos seus pulmões deteriorados.

De repente, sem umnexo de causalidade evidente, Herberto disse a Olga:

«Olha, eu tenho ainda um dinheiro no banco e vou passar tudo para o teu nome.»

«Herberto! Deixa lá estar o dinheiro no banco, põe-te quieto. Vais passar o livro de poemas a limpo. Vê se te acalmas.»

Como era seu costume, Olga deixara o pequeno-almoço do marido preparado na mesa da cozinha: cereais da marca *All-Bran*, para tomar com leite, e uma chávena com duas colheres de sopa de café solúvel (que Herberto mexia vigorosamente com uma colher, dissolvendo-o com uma pequena porção de água a ferver, até ficar cremoso, para depois lhe adicionar mais água quente e cobrir por completo as paredes da chávena).

A mulher perguntou:

«Vais tomar o teu pequeno-almoço?»

«Não sei.»

«Mas, olha, eu vou tomar o meu pequeno-almoço.»

Olga preferia tomar o café da manhã numa pastelaria perto de casa, altura em que aproveitava para comprar os jornais. Meses antes, isso tinha sido motivo de discussão. Olga irritara-se com Herberto porque este continuava a pedir-lhe: «Olha, se fazes favor, trazes-me os jornais?» Há anos que o dizia, todos os dias.

Farta de ouvi-lo a pedir, quotidianamente, os jornais – «trazes-me os jornais?», «trazes-me os jornais?» –, Olga avisou: «Da próxima vez que perguntares “trazes-me os jornais?”, eu não trago. Ando há anos a trazer-te os jornais e tu chateias-me sempre com essa conversa, “traz-me os jornais, traz-me os jornais”. Já sei que os tenho de trazer. Se me pedes mais os jornais, não os trago.» «Disse-lhe isto assim, categoricamente. E ele nunca mais me pediu os jornais.»

Olga, vinda do seu quarto (onde havia uma estante com vários exemplares dos livros de Herberto, em diferentes edições), preparava-se para sair. Herberto, sentindo uma fraqueza geral, voltou a meter-se na sua cama solitária (dormiam em quartos separados).

«Vais outra vez para a cama, em vez de comeres...», disse-lhe Olga.

«Não me apetece comer já.»

«Como é que te estás a sentir?»

«Demoras muito?», perguntou Herberto, com uma espécie de doçura.

«Não, não vou demorar.»

«Está bem», titubeou.

Olga curvou-se ligeiramente, pôs-lhe a mão num braço, deu-lhe um beijo na testa e ajustou melhor a almofada debaixo da nuca do marido. Nesse momento, ouviu Herberto dizer, rouco na inflexão da voz: «Trazes-me os jornais? Trazes-me os jornais?» Olga fez-lhe uma carícia na cabeça e disse: «És um estafermo. Claro que te trago os jornais, meu amor.» E desatou a rir. Imóvel sob o peso da angústia, Herberto ficou quieto, a olhar para Olga, como se quisesse encher bem os olhos e a mente com a imagem da mulher com quem casara em 1973.

Quando Olga regressou a casa, Herberto estava sentado na cadeira da secretária do quarto dele. Acabara de tomar o pequeno-almoço.

Disse-lhe: «Sabes uma coisa? Comi bem. Soube-me bem o pequeno-almoço.» «Ah, bom. Ainda bem», respondeu a mulher, persuadida de que a saúde do marido conhecera algumas melhoras. Depois, passou-lhe para as mãos os jornais, e afastou-se, embrenhando-se na cozinha.²

A imprensa dessa segunda-feira, 23 de Março de 2015, falava da vitória de Nicolas Sarkozy nas eleições departamentais em França – «Marine Le Pen festeja melhor resultado de sempre, mas ficou atrás de Sarkozy» –, da descida acentuada do preço do petróleo (responsável pela maior queda, dos últimos cinco anos, das exportações portuguesas para Angola), da recusa da Associação Académica de Coimbra em almoçar com Pedro Passos Coelho (então primeiro-ministro), das propostas económicas do PS (liderado por António Costa) para as eleições legislativas daquele ano, do novo disco dos GNR, *Caixa Negra* (o 12.º álbum de estúdio, lançado nesse dia, com Rui Reininho ao microfone, cantando músicas como «Cadeira Eléctrica» ou «MacAbro»: «O Herberto gostava muito do Rui Reininho. Um dia, o Herberto ouviu o Reininho a falar dele na televisão e ficou delirante», diz Olga), e do centenário da revista *Orpheu*, cujo primeiro número terá saído da gráfica no dia 24 de Março de 1915.

Talvez Herberto se tenha fixado na notícia sobre *Os Arquitectos São Poetas também*, o título e o lema da exposição do Padrão dos Descobrimentos, em Lisboa, sobre José Ângelo Cottinelli Telmo (que além de arquitecto era cineasta, bailarino, poeta e autor de banda desenhada, fotógrafo, ilustrador e músico).

Conhecendo-se a sua ligação à arquitectura (trabalhou com Tomás Taveira no *atelier* do arquitecto Francisco da Conceição Silva, tendo colaborado no projecto da loja Valentim de Carvalho, em Cascais, e conviveu de perto com José Troufa Real, quando vivia em Angola), e pensando na sua poesia (escreveu uma «Ode aos Arquitectos» e o livro *A Colher na Boca*, de 1961, começa com «Falemos de casas, do sagaz exercício de um poder / tão firme e silencioso, como só houve / no tempo mais antigo. / Estes são os arquitectos, aqueles que vão morrer»), Herberto concordaria, decerto, com o texto que apresentava a exposição: «Cottinelli Telmo – autor do Padrão dos Descobrimentos – reclamava para os arquitectos o direito e a liberdade de afirmarem a sua subjectividade, de fintarem a racionalidade, de contornarem imposições materialistas. E resumia o modo como entendia

a arquitectura: em comunhão com todas as artes, com todas as disciplinas.»

Olga tratava das coisas da casa. Fazia as camas (a dela e a de Herberto, em quartos contíguos), arrumava nos armários a louça enxugada de uso corrente, limpava a bancada da cozinha, colocava a roupa dentro da máquina de lavar (depois de encontrar as chaves de casa do marido, num bolso das calças sujas da véspera) – a qual, minutos depois, começava a estremecer – e passava a esfregona no chão da cozinha e na casa de banho.

Herberto ia de um lado para o outro, vagueando como um sonâmbulo. Sentia dificuldade em andar, como se estivesse pouco habituado a servir-se das pernas, arrastava os chinelos de trazer por casa, com as bainhas das calças de pijama varrendo o chão, desfiadas nas pontas. «Senta-te na sala, no teu cadeirão», sugeriu a mulher. Não queria: «Não me sinto bem na sala. Sinto-me melhor no quarto», disse.

Apesar disso, acabaria por se fixar na sala. Recuou vacilante e, como se uma força invisível o tivesse empurrado, deixou-se cair pesadamente na sua poltrona preferida. Ficou ali algum tempo, mergulhado nos seus pensamentos, com a cabeça voltada para fora de casa, encontrando no vidro a própria imagem. Um Falstaff? Ou um velho Satã? Talvez tivesse visto a história da sua vida gravada na pele, nas mãos, na cara, nas olheiras e rugas em volta dos olhos; talvez pensasse que elas deixavam a descoberto as camadas de músculos e nervos que geram as nossas expressões e emoções: «a morte nasce e floresce dentro de cada ser, espalhando morosamente as finas e frias ramificações», escreveu ele em 1966.

O rosto inchado e carrancudo, curtido pelo tempo, a barba grisalha e as sobrancelhas grossas, com alguns pêlos eriçados, como os das escovas de dentes, lembravam as fotografias de Alfredo Cunha publicadas na edição de 28 de Março do semanário *Expresso*, cinco dias após a sua morte. Uma figura que fazia dó, pelo ar decrépito e meio ausente, com um polar azul e vermelho (só lhe faltava a manta nos joelhos), e pela insinuante presença do editor Manuel Alberto Valente, empoleirado num dos braços da poltrona, sentado a seu lado, em posição mais elevada, com as garras no braço do poeta, especado a olhar para a máquina fotográfica. Tudo isto, no seu conjunto, indignou amigos e leitores, sobretudo os que falavam dele com uma admiração raiando a devoção.

Herberto guardava ostensivamente reserva quanto à sua vida pessoal: não se deixava fotografar, não participava em beberetes nem em lançamentos, não ia a jantares nem a encontros de escritores, recusava entrevistas, prémios e homenagens. Sobre isto, leia-se o bilhete, seco e cortante, que escreveu quatro anos antes, a 2 de Fevereiro de 2011, em resposta a um convite para estar no Centro Cultural de Belém (CCB), no Dia Mundial da Poesia, que incluía leituras da obra de poetas portugueses, com destaque para o autor de *O Amor em Visita* e de *A Faca não Corta o Fogo*: «Prezado António Mega Ferreira³, agradeço a sua atenção em comunicar-me o evento no Centro Cultural de Belém e em convidar-me para lá estar, ainda que fugazmente. A mim, o que me dá prazer é não estar nunca. Atentamente, Herberto Helder.»

Para muitos, aquelas fotografias do *Expresso* esvaziavam de sentido a crítica dele à superficialidade do mundo da cultura, cuja legitimação intelectual e artística passara a fazer-se, quase exclusivamente, por via mediática e mundana, pela competição para ser o centro das atenções, pela capacidade de estar sempre com a cara na televisão, nos jornais e nas revistas.

O tradutor Aníbal Fernandes, com quem Herberto manteve laços de respeito e de partilha intelectuais durante perto de quarenta anos, lembra-se de que não telefonou «durante duas semanas ao Herberto, para não ter de comentar as fotografias, porque não queria falar-lhe disso. Mas ele, entretanto, morreu. Não posso admitir que o Herberto, que travou a luta que travou, com as dificuldades que teve, de repente convide um fotógrafo para ir lá a casa tirar aquele tipo de fotografias».

Da janela da sala de casa de Herberto (não era uma casa espaçosa, como se o poeta preferisse, para escrever, pouco espaço em volta de si, como se demasiado espaço o distraísse da escrita), avistava-se, e ainda hoje se avista bem, o jardim da Biblioteca Municipal de Cascais (Casa da Horta da Quinta de Santa Clara), o restaurante El Clandestino (no mesmo local do antigo Piper's Pub, famoso porque ali se podia comer, às duas ou três da madrugada, um prego do lombo ou um hambúrguer) e o toldo da Casa das Bifanas.

Àquela hora, Cascais estava em plena actividade, mas ali, onde ele se encontrava, ouvia-se apenas o estrondo distante do trânsito. No rés-do-chão do edifício, havia (mas já não há, substituída por um

ginásio *low cost*) uma loja solidária da Remar, com o interior cheio de móveis, electrodomésticos, roupas e sapatos usados, com estas frases, coladas à vitrina, em letras gigantes (tão grandes que as palavras pareciam entrecrocadas nas frases): «Não deite nada fora. Recolhamos tudo o que se aproveita. A tua ajuda é importante» ou «Trabalhamos por amor a Deus e ao próximo».

Nas costas do edifício, do lado da Avenida 25 de Abril, um supermercado Minipreço, em relação ao qual, anos antes, encontraria Herberto motivo para se irritar várias vezes. E, a dois minutos dali, atravessando a Avenida Dom Pedro I, estava a funcionar, desde as 6h30, o Mercado da Vila, com os seus legumes, frutas, peixes frescos, carnes, flores.

O tempo não estava bonito. A primavera começara ventosa, o céu mantinha-se nublado e cinzento, com brevíssimas aparições do sol, e a temperatura não ultrapassava os 15 graus. Sempre nas suas andanças, Olga passou pela sala e olhou para o marido enterrado na cadeira – tão idoso, tão fraco, tão frágil –, com os pés assentes nos tacos do soalho de madeira. Insistiu:

«Herberto, vamos ao hospital.»

«Não. Não quero ir ao hospital. Não estou para ficar por lá metido num corredor qualquer. Tenho a consulta amanhã. O médico logo me diz o que é que tenho. Não vou ao hospital.»

«Queres almoçar?», perguntou a mulher, lembrando-se do feijão que ficou da véspera, porque o marido não o quisera comer e ela acabara também por não jantar.

«Não me fales em comida. Nem posso ouvir falar em comida», disse Herberto, sentindo um ardor entre a boca e o estômago, que parecia macerar ou oprimir-lhe o peito.

«Mas eu estou cheia de fome. Olha, eu vou comer.»

«Está bem. Faz como quiseres.»

Enquanto Olga se dirigia para a cozinha, Herberto olhou para as estantes, que se erguiam como edifícios contra as três paredes da sala sem janelas, cobrindo-as quase completamente, com fileiras de livros, de cima a baixo, organizados por ordem alfabética do autor e encapados para evitar a humidade e os efeitos da exposição solar. Não estavam amontoados indiscriminadamente nas prateleiras, embora houvesse livros deitados sobre outros em pé, para os quais não encontrara lugar.

Numa prateleira à entrada da sala, na parede oposta à janela, fotografias de família, pesadamente emolduradas, com relevos de flores talhados na madeira escura. Contemplou talvez a velha fotografia dele com o pai, ambos de pé e esguios, tendo por trás a vegetação da ilha da Madeira, ambos envergando elegantes fatos asseroados, de bom corte, com as quatro mãos enfiadas nos bolsos das calças, em poses de galãs mexicanos (por ela se percebia o quão fisicamente era parecido com o pai).

Quando olhou para a fotografia, talvez tenha expressado interiormente algum arrependimento por ter deixado de falar com o pai. Durante perto de vinte anos, quase se esquecera dele. Que recordações tinha do pai nas quais pudesse pensar e das quais pudesse dizer que tinham sido boas? Muito poucas. Só muito mais tarde, depois da sua morte, é que as mágoas em relação a ele esmoreceram, só nessa altura é que o pai passou a ser um pensamento mais ou menos constante.

Desviou o olhar para as outras fotografias em tom sépia, que falavam também das suas raízes de ilhéu. Uma da avó, em primeiro plano, uma mulher forte e séria, com ar de matrona. Outra de uma das irmãs, ladeada por duas filhas (sobrinhas de Herberto), e outra, ainda, mostrando a mãe, com uma cabeça grande, atrás dele, criança de 5 ou 6 anos de idade, com a franja quase nas sobranceiras, e as duas irmãs, Maria Regina Gisela (a mais velha, agarrando-lhe o braço direito) e Maria Elora. Os quatro olhando obedientemente para a objectiva da máquina fotográfica.

Sentiu-se vagamente reconfortado quando os seus olhos chegaram a esta última fotografia. Já estaria doente, a mãe, quando aquela imagem foi captada? Sim. Com a saúde já alquebrada, desde o nascimento do filho Herberto, a sua expressão fechada e inescrutável parecia a de uma mulher já pouco ligada à vida, que sabia já a que sabe a morte, antes de morrer.

Passava das 15h30. Olga estava na cozinha a aquecer o feijão. Colocou o prato no tabuleiro e foi comer para perto do marido, que continuava no mesmo sítio, olhando fixamente para ela. A mulher disse-lhe, a brincar: «Tu hoje estás muito apaixonado por mim.» Herberto riu-se. Quando estava prestes a sentar-se ao lado do marido, exclamou: «Ah! Esqueci-me do vinho!» Saiu de novo, abandonando o tabuleiro em cima da mesa. Herberto ouviu os seus sapatos ir e vir.

Regressada à sala, pousou o copo de vinho no tabuleiro. Quando se preparava para dar a primeira garfada, ouviu um som que nunca tinha ouvido em toda a vida. Um som horrível, dilacerante. Herberto cerrara os olhos, suspirara profundamente, deixara a cabeça descair para a nuca – como se lhe tivesse faltado o apoio – e a respiração cessara. «Ainda hoje tenho esse som no meu ouvido. É um barulho que vem de dentro. Olhei para ele e vejo o Herberto com o rosto virado para cima, a cabeça caída para trás, a esticar as pernas. Larguei o tabuleiro de qualquer maneira, fui ter com ele.» Nervosa, dizia-lhe: «Herberto, Herberto.» Nenhuma resposta. «Calma, meu amor, calma», continuava Olga, desorientada e assustada. Segurou-lhe na cabeça e tentou refrescar-lhe as têmporas, humedecendo os dedos no copo.

Assustada, como uma criança perdida na escuridão de um corredor, Olga correu em direcção ao telefone: «Liguei o 112 e, à espera de que me atendessem, as pernas tremiam-me como varas verdes. Larguei o telefone, que continuava a chamar, e, como moravam aqui mesmo ao lado umas raparigas brasileiras, toquei desesperada à porta delas, mas não atenderam.» Bateu depois com força na casa de outra vizinha, Carla Graça, enfermeira do Hospital CUF Cascais. Mas Carla tinha ido trabalhar. Em casa estava o companheiro, Carlos, instrutor de mergulho aquático numa escola da vila, que finalmente abriu a porta.

«Carlitos, por favor, venha-me ajudar depressa. Penso que o Herberto está a morrer.»

Carlos saiu a toda a pressa. Já dentro de casa, Olga voltou a agarrar no telefone, até finalmente atenderem do 112. Na sala, Herberto conservava-se imóvel, ausente e horrivelmente tenso, em sinistra posição de morte e abandono. Quando Olga ali chegou, Carlos estava a fazer respiração boca a boca. Realizava as manobras de reanimação cardiorrespiratória (o chamado SBV, ou Suporte Básico de Vida) que ele próprio ensinava no curso de mergulho, na vã esperança de que o organismo voltasse a funcionar.

Transtornada, Olga saía, entrava, voltava a sair, em desespero, numa agitação frenética. Quando a viu, Carlos disse: «Ajude-me a segurar nele, vamos tentar deitá-lo no chão.» «Eu não tinha forças para nada, mas, devagarinho, fomos puxando o corpo do Herberto. Continuámos sempre a massajar o peito e a fazer respiração boca a

boca. O Carlos gritava: “Sr. Herberto! Sr. Herberto!” Nada. “D. Olga, tem um espelho?” Fui logo buscar o espelho. Quando o colocou junto aos lábios do Herberto, perguntei: “Está morto?! Está morto?!” O Carlos olhou para mim e, talvez com medo de me dizer a verdade, respondeu: “Não sei, D. Olga, não tenho a certeza.”»

Entretanto, a campainha de casa soou. Era a equipa de emergência médica do 112. Com o desfibrilhador na mão, depois de removida a camisa, o médico auscultou-o e administrou alguns choques no tórax de Herberto Helder, alternando com compressões contínuas no peito, tentando reanimar o coração, fazê-lo reagir, espevitar. «Até que ele fez assim com os ombros, como quem diz que não há mais nada a fazer. Quando o vi fazer aquele movimento, olhei para ele e disse: “Senhor doutor, diga-me, o meu marido morreu?” O médico fez que “sim” com a cabeça. Nesse instante, fiquei sem chão.»

2. CRÓNICA DE FAMÍLIA

Herberto Helder de Oliveira morreu em Cascais no dia 23 de Março de 2015, uma segunda-feira, e nasceu no Funchal, a 23 de Novembro de 1930, um domingo. Morreu na Primavera e nasceu no Outono.

Quando veio ao mundo, o seu nome completo tinha outra grafia. No assento de nascimento, da Conservatória do Registo Civil do Funchal, dizia-se que «Às 17 horas do dia 23 do mês de Novembro do ano civil de 1930 nasceu na Rua Doutor Vieira, número 284 da freguesia de São Pedro deste concelho [Funchal], um indivíduo do sexo masculino a quem foi posto o nome de Herberto Elder d’Oliveira». Até à adolescência, Herberto usaria o nome Elder (sem «H»). Mais tarde, passaria a assinar Herberto Helder, não usando nunca o apelido Oliveira, do lado paterno.

A Rua Doutor Vieira, ali referida como local de nascimento, corresponde à Rua da Carreira,¹ uma das mais antigas do Funchal (remonta ao século XVI, quando era conhecida como «Carreira dos Cavalos» ou «Carreira Velha dos Cavalos», porque nela realizavam os nobres as suas corridas de cavalos). Entre 1910 e 1935, mudou de designação para Rua Doutor Vieira, abreviatura do nome oficial Rua do Conselheiro Manuel José Vieira.

Desde 29 de Maio de 1996 que o muro do número 284 da Rua da Carreira ostenta uma placa alusiva ao nascimento do poeta: «Nesta casa nasceu em 23 Nov. 1930 o poeta Herberto Helder. Homenagem da Região Autónoma da Madeira, 29 Maio 1996».

Nessa casa viviam os pais, Romano Carlos de Oliveira, de 34 anos, e Maria Ester de Oliveira, de 37, as duas irmãs, Maria Regina Bernardes

de Oliveira, de 7, e Maria Elora Bernardes de Oliveira, de 4, e a avó materna, Matilde dos Ramos.

Romano Carlos, o pai, nascera às 22 horas de 18 de Novembro de 1895, na freguesia do Monte – em cuja igreja paroquial, de Nossa Senhora do Monte, seria baptizado, a 26 daquele mês –, segundo filho de uma família numerosa de dois rapazes e cinco raparigas.

Era filho de Constantino Sérvulo de Oliveira, tanoeiro, nascido em 1866, no mesmo local, e de Maria Baptista Ferreira, de profissão doméstica, casados em 1893 e residentes no sítio da Palmeira, freguesia de Nossa Senhora do Monte.

Deste avô paterno, Constantino Sérvulo, pouco mais se sabe, a única referência obtida foi através da pintora Ilda David, que, tendo convivido bastante com Herberto Helder, disse que «era bom investigar o que é que se passou com o avô paterno. Deve ter acontecido qualquer coisa na vida dele que fez com que o pai do Herberto fosse também muito sofredor e angustiado, acabando depois por angustiar todos os outros elementos da família».

A avó paterna, Maria Baptista, era filha de Francisco Ferreira (nascido em 11 de Outubro de 1848, na freguesia do Monte), e de Maria Augusta Fernandes Ferreira (nascida em 1851, na freguesia madeirense da Calheta), casados em 1874, no Monte.

Francisco Ferreira², de cognome *o Caseiro*, bisavô paterno de Herberto, era um nome respeitado e conhecido no Funchal. Quando Herberto nasceu, Francisco Ferreira já era referido com elevada admiração, pela mestria a moldar o barro e a talhar figuras em madeira, em particular para o seu famoso presépio, ou «lapinha» (hoje conservada no Museu Etnográfico da Madeira).

Apesar de ter apenas 7 meses quando este bisavô morreu – Francisco Ferreira faleceu em 13 de Junho de 1931, na sua casa do sítio da Quinta dos Reis, freguesia do Monte, com 82 anos de idade –, Herberto tinha uma enorme estima por ele e procurou sempre informar-se sobre todos os aspectos da vida deste seu antepassado artista, ao ponto de lhe ter dedicado alguns poemas do livro *A Faca não Corta o Fogo. Súmula & inédita* (2008): «À memória de meu bisavô Francisco Ferreira, santeiro», e de ter sugerido a publicação, em 2008, na Assírio & Alvim, do livro *Lapinha do Caseiro*. Talvez porque tenha percebido que havia entre ambos algumas semelhanças, talvez a reserva deste antepassado lhe parecesse uma característica

hereditária: tal como ele, Francisco Ferreira era um homem de poucas palavras e muito reservado (negando-se a sair do Monte, recusou convites para ir ao estrangeiro expor a sua obra), fechando-se no seu círculo restrito de ligações pessoais, mesmo depois da fama alcançada na Madeira, o que gerou algum mistério em redor da sua figura e da sua personalidade.

Filho do carpinteiro Manuel Ferreira de Jesus e de Francisca de Jesus, *o Caseiro* nascera a 11 de Outubro de 1848, no sítio do Lombo, no Monte. Baptizado na paróquia de Nossa Senhora do Monte, o padre fez-lhe os exorcismos, consagrou-o e ungiu-o com os santos óleos no dia 1 de Novembro de 1848.

Com 14 anos, apesar de não contar com nenhum tipo de educação escolar, Francisco apercebeu-se de que tinha habilidade com as mãos, começando a mostrar uma aptidão invulgar para a escultura. Datam dessa época as suas primeiras figuras entalhadas a canivete.

Vendo o pai trabalhar incansavelmente por pouco dinheiro, e nas visitas que faziam ao Convento de Santa Clara, Francisco tomou o gosto da religião. Aos 26 anos, já católico fervoroso, temente a Deus, e de profissão carpinteiro (tal como o pai), Francisco Ferreira casou com uma rapariga bordadeira, Maria Augusta Fernandes, de 23 anos, oriunda do Arco da Calheta, em cerimónia realizada no dia 22 de Setembro de 1874, na Igreja do Monte, ficando ambos a morar no sítio da Quinta dos Reis (freguesia do Monte), na casa da prima e madrinha da noiva, Maria Bemvinda da Conceição, «mestra de instrução primária» e uma das mais antigas professoras daquela freguesia.

Em 1884, Francisco Ferreira comprou uma porção de terra contendo uma pequena casa, meio arruinada, no chamado Sítio da Quinta dos Reis, freguesia do Monte (actuais números 62 e 64), que seria reconstruída em 1891, quando tinha 41 anos, e que a família passou a ocupar muito recatadamente.

Na nova casa da família, nas horas vagas do trabalho agrícola, montou Francisco uma pequena oficina, de onde saíam inúmeros bonecos. Ao longo dos anos, além de Jesus (em menino e em adulto, já como Cristo), esculpiu em madeira e modelou em barro inúmeros santos, como Nossa Senhora da Piedade, Virgem do Calvário, Nossa Senhora da Conceição, São João Baptista, São Francisco de Assis ou Santo António.

Esta produção permitiu-lhe dedicar-se, cada vez mais, à actividade como santeiro popular, fazendo e vendendo crucifixos, meninos Jesus, santos e outras figuras, concebidos em madeira de cedro ou de cortiça, e pintados com pigmentos naturais, preparados e fabricados pelas suas próprias mãos. Por vezes, era também chamado para restaurar móveis e as peças e esculturas de madeira do Museu de Arte Sacra.

Foi nessa casa no caminho do Monte que o bisavô de Herberto Helder armou, pela primeira vez, a sua «lapinha», que o tornaria, ainda hoje, muito conhecido na Madeira.

Na ilha, os presépios eram tradicionalmente designados «lapinhas» (diminutivo de lapa, ou seja, gruta), tal como o Natal era denominado «Festa». Nas vésperas do dia 25 de Dezembro, os madeirenses tinham o costume de visitar as lapinhas, as quais podiam assumir duas variantes: a «escadinha» e a «rochinha».

De certo modo, as «lapinhas» recriavam e simbolizavam a própria ilha e as suas paisagens, com os seus habitantes convivendo com Maria, com José, com o menino Jesus e com os anjos. Entre todas essas lapinhas, a mais célebre seria a do bisavô de Herberto Helder, construída e ampliada durante toda a vida, até à sua morte.

Do seu canivete, arrancadas de pedaços de cedro, nasceram, em torno da Sagrada Família, diversas figuras típicas da sociedade madeirense, a trabalhar no campo ou na cidade, na oficina ou no mercado, convivendo em casa, nas romarias, nos arraiais ou em torno de um coreto, participando em procissões ou na matança do porco.

Em 1918, pediu autorização à Igreja para mandar erguer, num terreno anexo à sua casa, uma capela dedicada ao Menino Jesus. Terminada em 1923, para ali transferiu o presépio, que reunia dezenas de imagens religiosas e mais de cem pastores, todos em madeira. Em Dezembro desse ano, realizou a primeira exposição pública, mostrando novas esculturas, entre figuras do seu tempo e tipos populares que conheceu. Todos os anos, de resto, Francisco Ferreira incluía novos trabalhos, inspirados em acontecimentos recentes ou nas «bilhardices» (como chamam na Madeira à bisbilhotice).

A partir de então, entre os dias próximos do Natal e finais de Janeiro, a Lapinha do Caseiro tornou-se imensamente concorrida, passando a ser um dos centros de atracção das romarias do Monte e, depois, do Funchal e de toda a Madeira, fazendo afluir a sua casa

milhares de pessoas de diferentes pontos da ilha, que ali iam admirar as curiosidades daquele presépio tão singular, nada sendo cobrado aos visitantes. Entrou de tal modo na tradição madeirense e na memória colectiva, que dificilmente se imaginava um Natal na primeira metade do século xx sem referir as visitas à Lapinha do Caseiro.

O mais extraordinário é que este antepassado de Herberto Helder era analfabeto e autodidacta, passou pela vida sem ler nada. Para os seus trabalhos, além do poder de observação (todos coincidem em dizer que era pessoa bastante observadora), Francisco Ferreira servia-se das leituras em voz alta da Bíblia (sobretudo do Antigo Testamento), que a mulher, Maria Augusta Fernandes (1851-1937), e, mais tarde, a filha Augusta Soledade, faziam regularmente em casa.

Uma e outra, poder-se-ia dizer, foram coautoras de muitos daqueles bonecos, pois, ao mesmo tempo que lhe liam a Bíblia, explicavam-lhe, a partir de outras fontes, a possível fisionomia de todas aquelas personagens, para assim o ajudar a «interpretar» os tipos que pretendia retratar. Por vezes, era à própria família que ia buscar inspiração, ou mesmo a matéria-prima, para as esculturas, como aconteceu com a cabeça de Nosso Senhor dos Passos, exposto na Igreja de Nossa Senhora do Monte, que foi adornada com madeixas de cabelo cortadas a uma neta.

Francisco Ferreira morreu em 13 de Junho de 1931, na sua casa do sítio da Quinta dos Reis, com 82 anos. O préstito do funeral, realizado no dia seguinte, no cemitério do Monte, juntou numerosas pessoas de todas as classes sociais. A morte não diminuiu, pelo contrário, a importância que o culto popular deu àquela obra invulgar, da qual todos diziam maravilhas.³

Segundo Luiza Clode, ex-directora do Museu de Arte Sacra da Madeira, «Toda a gente ia lá vê-la. Era a lapinha mais importante que existia no Funchal. Saíamos de casa para a visitar.» E um dos descendentes de Francisco Ferreira, o obstetra João Manuel Ferreira Dória Nóbrega, confessou que, em adolescente, no Funchal, «tinha muito orgulho em dizer que era bisneto do caseiro do Monte», pois «toda a gente o conhecia, e conhecia o lugar onde ele tinha a lapinha. No Natal iam vê-la»⁴.

A mãe de Herberto, Maria Ester Luís Bernardes, nasceu às 21 horas do dia 2 de Agosto de 1892, na paróquia de Santa Luzia, concelho e diocese do Funchal. Dias depois, a 28 de Agosto, foi

baptizada. Era filha de Alfredo Luís, natural da freguesia da Sé, em Lisboa, e de Matilde dos Ramos, nascida em 1877, na freguesia de São Pedro, do Funchal.

O avô materno de Herberto, Alfredo Luís Bernardes, nasceu em 5 de Junho de 1869, em resultado do casamento entre Bento Bernardes – galego de São Tiago das Malvas (Tui) – e Libânia Rosa da Conceição, nascida em S. Pedro, Sintra, em 1 de Junho de 1843.

Em 9 de Junho de 1886, com 17 anos, aprendiz de pedreiro e sem quaisquer habilitações escolares, foi obrigado (compelido) a alistar-se no Exército, como soldado raso, apresentando-se em 11 de Julho desse ano no Regimento de Infantaria n.º 11. Assentou logo praça como aprendiz de corneteiro, tendo passado a tambor em 21 de Janeiro de 1887.

Indisciplinado, de olhos e cabelo castanhos, com apenas 1,49 metros de altura, Alfredo Luís ausentava-se frequentemente do quartel, sem licença.

Em 28 de Novembro de 1888, já como corneteiro, foi colocado no Funchal, no quartel do Regimento de Caçadores 12, vulgarmente conhecido pela denominação de Quartel do Colégio, por o edifício ter sido primitivamente convento e colégio de padres jesuítas.

Na Madeira, conheceu a futura mulher, Matilde dos Ramos. Os dois casaram em 27 de Setembro de 1891, na freguesia de Santa Luzia, no Funchal.

Mais tarde, em 1893, Alfredo Luís foi destinado ao Regimento de Caçadores 10, cujo quartel permanente se localizava na ilha Terceira (Açores), onde ficou por pouco tempo, já que em Novembro de 1893 passou para o Regimento n.º 2 de Caçadores da Rainha.

A vida militar revelou em Alfredo Luís um temperamento impetuoso e insubordinado, com várias ausências do seu posto, sem licença, que lhe valeram alguns dias de prisão correcional (em períodos diferentes). Por outro lado, era frequente encontrar-se doente: entre 1886 e 1894, esteve 145 dias de baixa, por «motivo de moléstia e de tratamento nos hospitais».

Em 9 de Julho de 1894, como consequência dos castigos e detenções no quartel da sua companhia, o soldado Alfredo Luís foi mandado servir na Companhia de Correcção n.º 1, «para que assim se evitem os efeitos do mau exemplo»⁵, sediada no Forte da Graça (Elvas), onde entrou a 1 de Agosto daquele ano.

A detenção de Alfredo Luís acabaria por revelar-se abençoada. É que, dias ou semanas depois da sua chegada a Elvas, os indígenas do distrito de Lourenço Marques revoltaram-se contra o domínio português, em protesto pelo aumento do imposto de palhota. Como os recursos militares disponíveis naquela província moçambicana eram escassos, Portugal decidiu enviar a Lourenço Marques uma expedição de tropas.

O embarque deu-se em 15 de Outubro de 1894. Como Alfredo Luís se encontrava sob detenção, no Forte da Graça, não foi incluído na expedição do 2.º Batalhão de Caçadores n.º 2 e não participou nas sangrentas batalhas de Anguane e Marracuene (1894-1895).

Desconhece-se o que lhe aconteceu depois, inclusive a data em que morreu, apenas que já era falecido quando o filho Gastão Luís Bernardes (nascido em 1895 e de profissão comerciante) se casou, em 22 de Novembro de 1930 (dois dias antes do nascimento de Herberto Helder), com Maria do Espírito Santo Gomes. Alfredo Luís e Matilde dos Ramos tiveram um terceiro filho, Hermando Luís Bernardes, que nasceu em 17 de Maio de 1898 e casou em 22 de Dezembro de 1932, com Olívia Lopes Serrão.

Ignora-se igualmente como se conheceram os pais de Herberto Helder, apenas que Romano Carlos e Maria Ester Luís Bernardes, mulher sem fortuna e sem tradições de família, casaram às 13h30 do dia 24 de Novembro de 1919, no Registo Civil do Funchal, então localizado na Rua do Comércio. Romano, o pai, então com 1,78 metros de altura e 23 anos (feitos meses antes, em 7 de Janeiro, obtivera baixa do serviço militar por incapacidade física) e de profissão empregado do comércio, residia no sítio da Quinta do Salvador, na freguesia do Monte. Maria Ester, a mãe, de 27 anos e de profissão doméstica, natural da freguesia de Santa Luzia, morava com a mãe, Matilde dos Ramos, também doméstica (Alfredo Luís Bernardes, o pai, já tinha falecido), e os irmãos, na Rua das Maravilhas, freguesia de São Pedro.

Em vão procurámos referências aos anos imediatamente anteriores e posteriores ao casamento de Romano com Maria Ester. Como é que os pais de Herberto se conheceram? Quais as circunstâncias do primeiro encontro e do começo da ligação? Ter-se-ão conhecido num café? Terão sido apresentados por algum familiar? Foi amor à primeira vista? Quando terá começado a relação? Qual a educação

e a instrução de ambos? É difícil saber. Talvez nunca o saibamos. Na verdade, não é fácil reconstituir a vida dos pais de Herberto antes (e mesmo depois) do seu nascimento. A exiguidade das informações sobre esta fase da vida do casal é desoladora: os documentos não existem (ou são muito difíceis de encontrar), o mesmo em relação aos testemunhos orais.

Sabe-se apenas que, no final de 1921, possivelmente em Outubro ou Novembro (já que o pedido de concessão de passaporte, ao governador civil do distrito do Funchal, data de 21 de Setembro desse ano), Romano Carlos foi às ilhas Canárias, como tripulante, a bordo de um navio português.⁶ Desconhece-se, porém, com que fim realizou tal viagem e se foi sozinho ou acompanhado.

Em 15 de Fevereiro de 1923, às 5h10, estando ambos a viver no sítio da Levada de Santa Luzia (n.º 8), nasceu a primeira filha do casal, Maria Regina Gisela Bernardes de Oliveira, a irmã mais velha de Herberto Helder. Três anos e meio depois, às 10h35 do dia 19 de Outubro de 1926, veio ao mundo a segunda filha, Maria Elora Bernardes de Oliveira, nascida também na freguesia de Santa Luzia, tinha então Romano Carlos 30 anos e Maria Ester 33.

Tornou-se comum dizer que Herberto Helder nasceu no seio de uma família de origem judaica. O próprio cultivou a pretensão de ser judeu, talvez porque o ouviu dizer dos pais ou avós. Cada um pode confiar na memória familiar ou ignorá-la, e Herberto gostava de convocar essa tradição. A 15 de Abril de 1974, em carta à amiga, investigadora e ensaísta brasileira Maria Lúcia Dal Farra, autora de uma importante tese de doutoramento sobre a sua poesia: «os meus sobrenomes são Luís Bernardes de Oliveira, o que deita um forte odor a judeu ou, mais razoavelmente, a cristão-novo». E em 16 de Dezembro de 1977, noutra carta para a mesma destinatária: «Nasci a 23 de Novembro de 1930 no Funchal, ilha da Madeira. Sou de origem judaica.»

Depois, em resposta à organização de um leilão de arte e manuscritos a favor de uma associação cultural palestiniana, realizada na Cooperativa Árvore (Porto), pelo editor José Cruz Santos, Herberto enviou-lhe por correio o livro de poemas *A Faca não Corta o Fogo*, com a seguinte dedicatória: «Para o muçulmano José Cruz Santos, com um aceno fronteiro do judeu Herberto Helder, 9 de Outubro de 2008.»

Da suposta ascendência judaica de Herberto não temos, porém, quaisquer provas documentais. Nenhuma das famílias referenciadas genealogicamente no Funchal – os Abudarham (a família com maior representação no Cemitério Israelita do Funchal), os Esnaty ou os Adida – correspondem aos apelidos do pai ou da mãe de Herberto Helder, nem mesmo em cruzamentos com famílias católicas.⁷

Segundo o genealogista Jorge Pamplona Forjaz, autor de *Genealogias da Madeira e Porto Santo*⁸, a convicção de que as pessoas de apelido Oliveira são todas de origem judaica é uma fantasia ou mito. Na Madeira, a mais antiga pessoa com apelido Oliveira é uma mulher que terá nascido por volta de 1590, na Ponta do Sol, filha e neta de pais e avós sem apelido Oliveira.

Não há provas de que Herberto fosse de origens judaicas, mas também nada impede que tivesse algum antepassado judeu nos séculos XVI ou XVII. Num país onde viveram tantos judeus, é perfeitamente possível. Todavia, é difícil saber, até porque os registos dessas épocas não são muito rigorosos ou confiáveis. Tal como não se pode concluir que a mãe, só porque se chamava Ester, era de família judaica. Depois de os judeus terem passado quatrocentos anos a esconder as suas raízes religiosas, parece agora que toda a gente quer ter antepassados judeus, e todos os argumentos parecem servir para encontrar um fio que conduz a um passado judaico.

Além de tudo isso, um dos ramos dos Oliveiras da família de Herberto vai dar a D. Ernesto Sena de Oliveira, figura eminente da Igreja Católica portuguesa, o que torna ainda menos provável que os Oliveiras pertencessem a uma família judia (Ernesto Sena de Oliveira era primo direito do pai de Herberto e cruzar-se-ia mais tarde com ele em Coimbra, quando o poeta cursava a universidade, mas essa é outra história, a que haveremos de voltar). Em rigor, se recuarmos aos casamentos dos antepassados Oliveiras, verificamos que todos contraíram matrimónio na Igreja Católica.

Do lado da mãe, o patronímico Bernardes⁹ consta nas listas de apelidos sefarditas (judeus originários da Península Ibérica que fugiram para outras regiões da Europa, do Norte de África ou das Américas). Aparentemente, várias famílias de judeus do tempo da Inquisição, convertidos à força (cristãos-novos) no final do século XV, adoptaram o apelido Bernardes, em substituição do nome Baruch.

Por outro lado, é verdade que a mãe (Ester) e uma das irmãs de Herberto (Elora) possuem nomes próprios de origem judaica. Ester é o nome da protagonista (originária da Judeia) do *Livro de Ester*, incluído na Bíblia Hebraica, e significará «escondida», de modo que Ester será aquela que esconde a sua origem judaica.

Maria Ester, a mãe de Herberto, tinha 37 anos quando o primeiro rapaz do casal nasceu, na Rua Doutor Vieira (actual Rua da Carreira, n.º 284), em pleno Funchal, na freguesia de São Pedro. Eram 17 horas e foi-lhe dado o nome de Herberto Elder d'Oliveira. Era o terceiro filho do casal, mas o primeiro do sexo masculino.

Antes do nascimento de Herberto, o médico disse a Maria Ester que não deveria ter mais filhos. Se o fizesse, correria risco de vida. Por algum problema de saúde, que desconhecemos, detectado quando a filha Maria Elora veio ao mundo, não era de todo aconselhável uma nova gravidez. Mas a mãe queria um rapaz, não estava disposta a alterar os planos do seu desejo. «Os médicos diziam que não, mas ela mesmo assim engravidou, e teve o rapaz que sempre quis, desde a primeira vez que engravidou. Não morreu, mas ficou muito abalada. Quando a mãe ficava doente, ou piorava, diziam-lhe que ela estava assim por ele ter nascido. Foi uma coisa que o arrasou para toda a vida», diz Olga Lima, viúva do poeta.